

PETER ENGLUND



NOVEMBRO DE 1942

UMA HISTÓRIA PRIVADA DO MOMENTO
DECISIVO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



*Dedicado à memória de
Józef Lewandowski
e de todos os outros que conheci ao longo dos anos
e que estiveram lá e o viveram.*

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Ao leitor | 11 |
| <i>Dramatis Personae</i> | 15 |
| 1-8 DE NOVENBRO | |
| Planos, grandes e pequenos | 23 |
| 9-15 DE NOVENBRO | |
| Notícias animadoras | 189 |
| 16-22 DE NOVENBRO | |
| Pode chamar-se a isto ponto de viragem | 293 |
| 23-30 DE NOVENBRO | |
| Desta vez venceremos | 381 |
| O que lhes aconteceu depois | 491 |
| Fontes e bibliografia | 501 |
| Notas | 513 |

Ao leitor

Este é um livro sobre novembro de 1942, o período em que se assistiu ao ponto de viragem da Segunda Guerra Mundial: quando o mês começou, muitos ainda acreditavam que as forças do Eixo venceriam; quando terminou, estava claro que era apenas uma questão de tempo até que perdessem. Contudo, esta não é uma obra que procura descrever *o que* foi a guerra durante aquelas quatro semanas críticas — os seus antecedentes, os planos, o curso dos acontecimentos e as suas consequências —, mas que pretende, em vez disso, dizer algo sobre *como* foi.

Um fenómeno como a Segunda Guerra Mundial escapar-nos-á sempre. Trata-se, em grande medida, de uma questão de escala. É evidente que é impossível apreender na sua totalidade um conflito que durou tanto tempo, se estendeu a tantas partes do mundo, causou uma destruição tão grande e tirou tantas vidas. Além disso, é em parte incognoscível, dado terem acontecido coisas tão horríveis, que a nossa capacidade de compreensão, de análise e até as nossas palavras vacilam, não são suficientes. E a isso acresce mais uma complicação. Primo Levi escreveu que «os que viram o rosto da Górgona ou não voltam, ou voltam mudos». A impressão com que fiquei depois de, ao longo dos anos, ter conhecido muitas pessoas que viveram a guerra é a de que todas elas carregavam segredos, recalcados ou escondidos, e que esses segredos morreram com elas.

O facto de o sucedido ser difícil de compreender não é, porém, motivo para não se tentar. Antes pelo contrário. Tem de se fazer esse

esforço, tanto por nós como pelos que perderam a vida nesta catástrofe. O presente livro é uma dessas tentativas. Posso justificar a sua existência dizendo que tenta fazê-lo de um modo diferente. Não contém um enquadramento geral e tenta evitar aquilo que Paul Fussell designou «o modelo da história de aventura», que descreve «causas e propósitos claros, e normalmente nobres, para acontecimentos acidentais e degradantes». A sua forma consiste, tal como a minha obra anterior sobre a Primeira Guerra Mundial, numa malha de biografias. E no seu centro estão, também aqui, o indivíduo, as suas vivências e — não menos importantes — os seus sentimentos, tudo aquilo que talvez se encontre em notas de rodapé ou que, por vezes, surge como um rasgo de cor fugaz no pesado fluxo da grande narrativa, mas que, em geral, não é de todo visível. Se se estiver a perguntar o que terei eu acrescentado a este relato amiúde indiscreto, a resposta é simples: nada. As fontes que usei são suficientemente ricas.

Do ponto de vista da historiografia, a forma é experimental, mas baseia-se no conhecimento de que a complexidade dos acontecimentos se manifesta de forma mais clara ao nível individual. Há nisto um paradoxo sombrio. Muitos dos que participaram na Primeira Guerra Mundial eram movidos por um idealismo que não estava ancorado na realidade: combateram por fantasias. Na maioria dos casos, este idealismo não existiu na Segunda Guerra, embora desta vez houvesse infinitamente mais em jogo. Isto criou uma tensão considerável entre o propósito da guerra e a maneira como ela era vivida, entre o seu grande objetivo e uma realidade que era amiúde, como escreveu posteriormente o vencedor do prémio Nobel, John Steinbeck, ao resumir as suas próprias experiências, uma «louca trapalhada histórica».

Ao mesmo tempo, é evidente que nem tudo foi assim. Sabemos que se tratou realmente de uma luta entre a barbárie e a civilização, e que a guerra atingiu o seu auge em novembro de 1942; é provável que uma grande parte dos envolvidos também o tenha percebido. As vítimas que a guerra reclamou são indiscutíveis. Tomar o resultado do conflito como certo é um erro, não só por converter as vítimas numa espécie

de tecnicismo histórico, mas também porque transforma algo que era uma incerteza, uma catástrofe humana imprevisível e inconcebível, numa epopeia empolgante, mas, no fundo, inofensiva. Além disso, pode alimentar a perigosa ilusão de que não é possível que tudo aquilo se repita e ter, assim, o efeito diametralmente oposto.

Uppsala, numa manhã soalheira de agosto de 2021.

P. E.

*Sonhávamos nas noites ferozes
Sonhos densos e violentos
Sonhados com o corpo e a alma:
Voltar; comer; contar.
Até que soava breve abafado
O toque da alvorada;
«Wstawać»
E no peito o coração despedaçava-se.
Agora regressámos a casa,
O nosso ventre está saciado.
Já contámos a nossa história.
Está na hora. Em breve ouviremos de novo
A ordem estrangeira:
«Wstawać»*

Primo Levi¹

Dramatis Personae



Mansur Abdulin:
soldado raso, fora
de Estalinegrado,
19 anos.



John Amery:
fascista e desertor,
em Berlim, 30 anos.



Hélène Berr:
estudante universitária,
em Paris, 21 anos.



Ursula Blomberg:
refugiada, em Xangai,
12 anos.*



Vera Brittain:
escritora e pacifista,
em Londres, 48 anos.



John Bushby:
operador de
metralhadora num
bombardeiro Lancaster,
22 anos.*



Paolo Caccia Dominioni:
major paraquedista,
no Norte de África,
46 anos.



Albert Camus:
escritor argelino,
agora em Le Panelier,
29 anos.



Keith Douglas:
tenente de tanque
de guerra, no Norte
de África, 22 anos.



Edward «Weary» Dunlop:
médico militar
e prisioneiro de guerra,
em Java, 35 anos.



Danuta Fijalkowska:
refugiada e mãe de uma
criança, em Międzyrzec
Podlaski, 20 anos.



Lidija Ginzburg:
professora universitária,
em Leninegrado,
40 anos.



Vassili Grossman:
repórter para
o *Krasnaia Zvezda*,
em Estalinegrado,
36 anos.



Tameichi Hara:
comandante de um
contratorpedeiro,
ao largo de Guadalcanal,
42 anos.



Adelbert Holl:
tenente de Infantaria,
em Estalinegrado,
23 anos.



Vera Inber:
poetisa e jornalista,
em Leninegrado,
52 anos.



Ernst Jünger:
capitão do Exército
e homem de letras,
a caminho da frente
oriental, 47 anos.



Ursula von Kardorff:
jornalista, em Berlim,
31 anos.



Nella Last:
dona de casa,
em Barrow-in-Furness,
53 anos.



John McEniry:
piloto de bombardeiro
de voo picado, em
Guadalcanal, 24 anos.



Okchu Mun:
escrava sexual num
bordel japonês,
em Mandalay, 18 anos.



Nikolai Obrinba:
membro da Resistência,
na Bielorrússia,
29 anos.



John Parris:
jornalista a observar
o desembarque
na Argélia, 28 anos.



Lim Poon:
segundo-comissário
num navio mercante
britânico, 24 anos.



Jechiel «Chil» Rajchman:
prisioneiro no campo de
exterminio de Treblinka,
28 anos.*



Willy Peter Reese:
soldado raso na frente
oriental, 21 anos.



Dorothy Robinson:
dona de casa,
em Long Island,
40 anos.



Ned Russell:
jornalista a observar
os combates na Tunísia,
26 anos.



Sophie Scholl:
estudante universitária
em Munique, residente
em Ulm, 21 anos.



Elena Skriabina:
refugiada e mãe de duas
crianças, em Pjatigorsk,
36 anos.



Anne Somerhausen:
secretária e mãe de três
crianças, em Bruxelas,
41 anos.



Leonard Thomas:
maquinista de uma
embarcação numa coluna
de navios no oceano
Ártico, 20 anos.



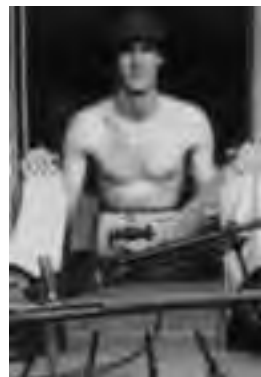
Bede Tongs:
sargento de Infantaria,
na Nova Guiné,
22 anos.



Vittorio Vallicella:
condutor de camiões,
no Norte de África,
24 anos.



Tohichi Wakabayashi:
tenente de Infantaria,
em Guadalcanal,
30 anos.



Charles Walker:
alferes de Infantaria,
em Guadalcanal,
22 anos.



Kurt West:
soldado raso, na frente
do rio Svir, 19 anos.



Leona Woods:
doutoranda em Física,
em Chicago, 23 anos.



Zhonglou Zhang:
funcionário público,
numa viagem de
inspeção em Henan,
idade desconhecida.

* Fotografias tiradas depois da guerra.

1-8 DE NOVEMBRO

Planos, grandes e pequenos

«A compaixão e a brutalidade podem ser encontradas num mesmo indivíduo e no mesmo instante, contra toda a lógica; e, em todo o caso, a própria compaixão não segue nenhuma lógica.»

«A morte pode ser reprimida com êxito porque não pode ser vivida.»

«Uma semana antes, fora preciso meio dia para destruir um batalhão, agora o regimento inteiro foi aniquilado em três quartos de hora.»

Ventos fortes sopram do mar da China Oriental e do rio Huangpu, passam pelos juncos, pelos navios a vapor e veleiros do porto, sobre a turba de pessoas, animais e veículos na ampla marginal, sobre riquexós, carroças, ciclistas, uma multidão de ciclistas, elétricos a transbordar, autocarros movidos a gás pobre e camiões militares, passam pelas filas de edifícios altos e imponentes em estilo ocidental do Bund — «The Million Dollar Mile» —, pelas suas colunas, cúpulas, cornijas, balaustradas e pináculos, e pelos ajuntamentos de mendigos em baixo, que nunca se rarefazem, entram, através de Pootung Point, nas ruas estreitas e nas casas baixas de Hongkou, muitas das quais ainda estão em ruínas passados cinco anos, continuam em direção a Zhabei, transpõem as muralhas da antiga cidade chinesa e a multidão de telhados de madeira recortados, passam sobre o hipódromo vazio com a sua torre de dez pisos e as suas bancadas com vários patamares, silenciosas e abandonadas, penetram na parte internacional da cidade, passam pelas ruas retas e as avenidas ladeadas de árvores (Gordon Road, Bubbling Well Road, avenue Foch, avenue Joffre, avenue Petain, etc.) e as suas catervas, por templos e catedrais, hospitais e universidades, centros comerciais e teatros, bloqueios de estradas e vedações de arame farpado, cafés, bares e bordéis, sobem parques onde as árvores surgem cada vez mais negras e despidas à medida que as rajadas frescas vão levando as folhas com cores quentes, para finalmente desaparecerem em direção a leste e ao rio Suzhou, rumo à zona rural envolvente, com as suas pequenas

idades, aldeias e campos de arroz, até às longínquas Jiangsu, Anhui e Henan. É o final do outono em Xangai.

Sob o céu outonal cinzento, na parte sul da Concessão Francesa, vive uma menina chamada Ursula Blomberg. Acabou de fazer 12 anos e mora com os pais no rés do chão de um prédio murado na pequena Place des Fleurs, mesmo ao lado da rua de Kaufman. São uma família de refugiados da Alemanha e alugam um apartamento com cozinha a uma mulher russa. No andar de cima, vivem mais alguns refugiados, de Leipzig, e num apartamento que dá para o pátio moram dois homens de Berlim, mas raramente estão lá. Ela e os pais sentem-se sortudos: a zona é segura, a rua, calma, o quarto, luminoso e arejado, a cozinha, limpa e equipada com duas placas e um frigorífico. Até têm acesso a uma casa de banho revestida de azulejos azuis, onde se pode tomar um banho quente por apenas algumas moedas de cobre. (Isto está longe das instalações para refugiados em Hongkou, onde muitos dos que chegaram no mesmo navio ainda vivem, apinhados numa desorganização fétida e suja, atrás de panos suspensos sobre um pavimento de betão grosseiro.)

Como milhões de outras pessoas, a família acompanha o progresso da guerra em mapas pendurados. Os deles são rasgados de jornais, afixados num pedaço de tecido de algodão e colocados na entrada. Ursula fez pequenas bandeiras de papel de várias cores em alfinetes, que são usadas para assinalar os avanços ou recuos dos diferentes lados — vermelho para a Grã-Bretanha, azul para os EUA, verde para os Países Baixos, amarelo para o Japão, etc. (Nas memórias que escreveu muito mais tarde, não menciona a cor das bandeiras da Alemanha; portanto, adivinhemos: preto?) No último ano, as bandeiras têm sido movidas uma e outra vez, porque as notícias têm sido «devastating», devastadoras, como escreve no seu diário. (É justamente este o adjetivo que usa repetidas vezes para descrever o efeito que têm nela os relatos do que se passa na guerra.) Teve de procurar ilhas que não sabia existirem, topónimos que não sabe bem como se pronunciam. Corregidor. Rabaul. Kokoda. Alam Halfa. Majkop. Esta-line-grado. Gua-dal-canal. As bandeiras verdes desapareceram.

As linhas picotadas nos mapas de papel mostram que a área controlada pelas forças do Eixo foi sempre crescendo. Entre os refugiados, discute-se se será a Austrália a ser invadida a seguir. Há três conjuntos de bandeiras especialmente assustadores: o no Norte de África, que aponta para leste, em direção ao Egito; o no Cáucaso, que aponta para baixo, na direção da Pérsia e do Iraque, amigo do Eixo²; e o da Birmânia, que aponta para oeste, em direção à Índia — se os avanços das forças do Eixo continuarem, aquelas linhas com bandeiras vão deslocar-se para algum lado. Mas para onde? O Afeganistão? A Índia Ocidental?³

«Nós estávamos com medo. Seria possível que países minúsculos como o Japão e a Alemanha, com os seus egos empolados [...], travassem uma guerra contra todo o mundo ocidental? Incluindo a América?»

Parece que sim. A vida na estranha Xangai é uma «experiência onírica» para Ursula. Vivem num isolamento opressivo, separados do mundo, no lado oculto da Lua, sem saberem mais do que aquilo que lhes contam os jornais escrupulosamente censurados e a rádio japonesa, e o que os rumores afirmam. Por esse motivo, foi possível durante tanto tempo procurar conforto na ideia de que aquelas terríveis notícias eram propaganda, apenas exageros e desinformação. Mas um amigo de um amigo tem um rádio escondido e, através da parede de estalidos, zumbidos e distorções, de sons sibilantes, por vezes consegue apanhar notícias da BBC. «Já não eram rumores, muitos dos devastadores relatos de guerra eram verdadeiros, e o futuro atingiu-nos a todos.»⁴

Há humidade por todo o lado. As calças e o sobretudo dele estão tão molhados como o seu pão, o bolor também os ameaça. A cada passo que dá, as botas afundam-se enquanto ele e os outros avançam, vacilantes, pela trincheira lamacenta e viscosa, «como equilibristas». Ele chama-se Willy Peter Reese e conta:

Encontrávamos as trincheiras ensopadas e muitas vezes inundadas. A água pingava para dentro dos *bunkers* provisórios e das

seteiras rudimentares, e os cavalos colapsavam nas estradas. Um cavalo era mais valioso do que um soldado, mas nós aceitávamos o nosso destino tal qual ele se nos apresentava, vivíamos nas nossas memórias e sonhávamos com o regresso a casa. Depressa nos habituámos de novo, como se nada tivesse mudado desde a estação das chuvas do ano anterior.

Reese e os outros membros do seu grupo vivem numa trincheira alargada com parte de uma tenda a fazer de porta, sob um telhado de traves de madeira gotejantes e terra, aquecem-se com uma salamandra de ferro fundido e são alimentados por uma cozinha de campanha, escondida num barranco que fica longe e até ao qual os responsáveis por ir buscar a comida têm de correr protegidos pelo anoitecer. Ele não tem qualquer possibilidade de se lavar, nem sequer pode trocar as botas e meias molhadas. Os momentos de sol são seguidos de mais um aguaceiro. A paisagem florestal é cada vez mais vazia, despida, húmida, e as suas cores esmaecem numa aguarela apagada. A água da chuva escorre pelas estradas amolecidas. A erva alta vergou-se, como se aguardasse a geada e a neve.

Durante o dia, Reese e os outros escavam na trincheira encharcada, ou limpam as espingardas, as munições ou a arma antitanque operada pelo grupo. À noite, faz sentinela durante cerca de uma hora, depois pode descansar até três horas. Normalmente, assim faz. Estar de sentinela, «esgotado, enregelado, saudosos, impotente». As noites são, portanto, entrecortadas, e a privação de sono acrescenta mais uma camada ao embotamento que lhe entorpece o corpo e a alma. As coisas que, há um ano, o deixavam aterrorizado agora mal o afetam. Uma espécie de indiferença bendita enraizou-se nele. Reese não sabe se essa sensação tem origem no «fatalismo ou na confiança em Deus». O perigo de vida tornou-se banal. A morte também.

Willy Peter Reese é um soldado raso de 21 anos, na 14.^a companhia do 279.º regimento da 95.^a divisão de Infantaria do Exército alemão. É franzino e usa óculos sem armação, que lhe acentuam um ar já

de si um pouco reservado. (Além disso, lê muito, ou escreve, e ambas as atividades, por exigirem luz, são um motivo frequente de queixa para os camaradas, que querem que ele a apague para poderem dormir. Por vezes, lê ou escreve à claridade de um cigarro.) O capacete e o uniforme dão a impressão de serem ligeiramente grandes para o seu corpo magro. Ainda tem algum acne. Os seus olhos são duros e atentos, e significativamente mais velhos do que o rosto.

A uns 300 metros de distância, do outro lado de uma ampla depressão, atrás de espirais de arame farpado e por entre abetos e moitas de amieiros despídos, vislumbram-se as linhas soviéticas. O lugar chama-se Tabakovo, como a aldeia destruída que se situa um pouco mais atrás delas, e onde muito pouco resta além de amontoados de madeira fuliginosa encimados por chaminés e quintais com verduras murchas e queimadas pela geada.

Quando Willy Peter Reese tem de explicar aos outros onde estão, diz que se encontram «em Rzhev».⁵ Neste momento, está tudo calmo, o que significa que não haverá nenhum ataque soviético maciço, mas eles estão quase constantemente sob o fogo de atiradores furtivos e morteiros ligeiros. Não podem usar a salamandra durante o dia, porque o fumo da madeira molhada atrai imediatamente o interesse dos observadores de artilharia do inimigo. E quando se encontram na trincheira, não têm qualquer proteção contra os projéteis que se abatem abruptamente sobre eles, não se estes caírem suficientemente perto. Reese estava presente quando encontraram um camarada que fora apanhado por um desses impactos diretos durante a noite: a trincheira estava coberta de entranhas congeladas, pedaços de tecido, cérebro e carne, e o morto ficara totalmente irreconhecível.

Mais uma noite, durante a qual o que Reese chama «o deus do sono» o transportou, de forma temporária e ilusória, para casa, para longe daquilo. (É fácil imaginar o acordar.) A escuridão dá lugar a um novo dia. Mais um amanhecer sobre uma terra de ninguém, sobre bosques

e pântanos, sobre a erva seca amarelo-acastanhada do verão. Está tudo em silêncio. Ele escreve: «As horas de beleza valem muitas noites repletas de terror e labuta.»

De volta a Ursula Blomberg. É certo que ela e os pais estão a viver apenas temporariamente em Xangai, mas não têm grande escolha enquanto esperam pela paz e pela possibilidade de seguir viagem até ao destino final, os EUA. O facto de terem ido parar a Xangai não é mistério nenhum. Quando a família iniciou a sua viagem por mar na primavera de 1939, esta metrópole cosmopolita era praticamente o único porto em todo o mundo que ainda recebia refugiados judeus da Alemanha sem restrições. E então pouco importava a fama da cidade como depravada, pecaminosa, caótica e perigosa: no último ano, chegaram cerca de 18 mil refugiados.

Às vezes, é assaltada por pensamentos sombrios. Por exemplo, quando se lembra de todos os civis britânicos, americanos, holandeses e franceses que desapareceram e que os japoneses colocaram num grande campo para os lados de Wuzong; ou quando pensa nos seus parentes que ficaram na Alemanha — pergunta-se como estarão. Muito mais tarde, quando, já adulta, olhava para trás, era evidente que «a nossa vida continuou durante algum tempo sem perturbações aparentes e fomos conduzidos a uma falsa sensação de puro contentamento egoísta». Ajuda que ali reine a mais profunda paz e que os soldados japoneses os tratem com respeito, e até com cortesia — afinal, apesar de tudo, são alemães, aliados.

Mas a apreensão está lá, por baixo da superfície.

No meio de tudo isto, Ursula goza de uma liberdade inesperada e paradoxal. Não a incomoda que estejam no final do outono. É bom o calor pesado e húmido do verão já ter ficado para trás. A recém-fundada empresa de pintura do pai está a correr bem, e a mãe faz trabalhos de costura em casa. Ela própria ganha alguns trocos a tentar ensinar inglês a três bonitas jovens asiáticas que estão sempre aos risinhos e são irmãs de um chinês abastado — ou melhor, «irmãs»: com o tempo, percebeu

que são concubinas dele. Quando as condições atmosféricas o permitem, joga *croquet* e pingue-pongue com as «irmãs»; quando está frio ou chove, como nesse início de mês, jogam às cartas.

Intermezzo musical: o dia começou a arrefecer, e eles estão sob o sol oblíquo do deserto a cantar salmos, acompanhados, bastante invulgarmente, por um saxofone. As vozes são inexperientes, oscilantes, o canto desvanece-se e todos os sons familiares vão surgindo: o ruído de motores, o ressoar de metal contra metal, os vagos estrondos abafados de explosões distantes. O ofício aproxima-se do fim. O padre magricela com uma pronúncia cuidada levanta a mão e distribui a bênção do Senhor. As cabeças baixam-se. O homem repara que o chefe do regimento se chegou à frente e observa-o, podemos imaginar, um pouco de soslaio. Como de costume, está impecavelmente vestido, com os botões, distintivos e emblemas bem polidos, chibata debaixo do braço e bigode encerado. Embora pareça que também o chefe do regimento inclina a nuca, dá a impressão de que se limita a observar as suas botas de deserto, feitas de camurça e atadas com tanta exatidão que as pontas dos atacadores que pendem de ambos os lados dos pés têm o mesmo comprimento.

A pessoa que estuda tão minuciosamente o comandante é um tenente moreno de 22 anos, com nariz aquilino, sorriso tímido e óculos de lentes grossas. Chama-se Keith Douglas. Tem motivo para olhar com curiosidade em volta, pois é novo na unidade, tendo chegado há apenas alguns dias. Na verdade, pertence ao Estado-Maior da divisão, estacionado a 30 quilómetros dali, mas já não suportava a inação, a rígida burocracia militar e as tarefas administrativas inúteis, além da vergonha de não desempenhar funções de combate, especialmente agora que teve início uma grande batalha. «Experiência de combate é algo que preciso de ter.» Portanto, há três dias, deixou o seu posto sem autorização, vestiu um uniforme recém-lavado, apanhou boleia de um camião e agora ali está, depois de ter feito algum *bluff* para conseguir a posição de chefe de uma secção com dois tanques.⁶ O que não foi muito difícil, visto que

o regimento já perdeu muitos oficiais em postos inferiores desde que tudo começou, nove dias antes. Hoje é domingo, dia 1 de novembro.

O chefe do regimento começa a falar:

Amanhã sairemos para travar a segunda fase da batalha de Alamein. A primeira fase, expulsar o inimigo da sua posição ao longo de toda a sua linha da frente, foi concluída. Nessa fase, esta divisão, esta brigada, levou a cabo um trabalho brilhante. O general da divisão e o general da brigada estão muito satisfeitos.

Nota-se que é um orador experiente. (É também membro do Parlamento. Pelos conservadores.) Insere comentários pessoais a indivíduos escolhidos.

Então, o que sente Douglas perante o chefe? Uma mistura contraditória de admiração e inveja, orgulho e irritação. O chefe do regimento representa tudo aquilo que ele próprio nunca teve: dinheiro, tradições e uma boa família, escolas privadas, jogos de críquete e caçadas à raposa em casacos vermelhos e, não menos importante, a autoconfiança de quem nasceu no seio da elite. A coragem física do chefe do regimento é célebre.

Ao mesmo tempo, surge como um exemplo de tudo o que há de anacrónico, tacanho e obsoleto no Exército britânico, o que explica em grande medida o facto de, desde 1940, não fazerem outra coisa senão sofrer derrotas sucessivas, amiúde de forma heroica, é certo, mas derrotas, não obstante. Quando a unidade chegou ao Médio Oriente há mais de três anos, ainda era um regimento de cavalaria montada, e no corpo do regimento ainda há muitos que se agarram às tradições, o que se manifesta, entre outras coisas, num firme desprezo por competências técnicas demasiado elevadas. Isso causou problemas a Douglas desde o primeiro dia em que foi enviado para a unidade no Médio Oriente há um ano. Naquela altura, já tinha formação como oficial de blindados, ao passo que o resto da unidade mal vira um tanque, o que fez com que fosse imediatamente rotulado de chico-esperto insofável. De origens humildes,

Douglas não só tem dificuldade em suportar o snobismo e os modos aristocráticos, como também é teimoso e não sabe estar calado.

Douglas é um pouco excêntrico. Escreve poesia modernista e já aconteceu várias vezes, quando estavam a ser dadas instruções, ser apanhado sentado a desenhar em vez de a prestar atenção.

O chefe do regimento conclui o seu discurso:

Desta vez, na segunda fase, não teremos propriamente muito trabalho para realizar, outros... hum... intervirão. O general Montgomery dividirá as forças inimigas em pequenos grupos. Hoje à noite, os neozelandeses vão atacar, seguidos da 9.^a Brigada Blindada e de outras formações blindadas. Quando o general Montgomery estiver pronto, nós avançaremos por trás deles para dar o golpe de misericórdia aos *panzer* alemães. É uma grande honra, e vocês podem atribuir-se o mérito de ela ter sido concedida a esta brigada. Quando tivermos destruído os *panzer* do inimigo e feito com que as suas forças batam em retirada, regressaremos ao Cairo e... hum... tomaremos um banho e deixaremos que os outros rapazes se ocupem da perseguição por nós.

O discurso é bem recebido por soldados e oficiais. Até Douglas se sente um pouco encorajado, apesar do seu ceticismo.

O ajuntamento de homens dispersa-se na luz crepuscular em rápido declínio. Ainda há muito para fazer antes de estarem preparados para atacar de manhã cedo. Todos os tanques têm de ser abastecidos de combustível, óleo, água, munições e comida. Um sinal de que agora é a sério: o quartel-mestre distribui meias, casacos e outras partes do uniforme sem exigir a assinatura de impressos. Cai outra noite límpida e estrelada.

*

PETER ENGLUND NOVEMBRO DE 1942

Em novembro de 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, decorria a batalha de Estalinegrado, cujo desfecho mudou o rumo do conflito e condenou a Alemanha à derrota. Os factos históricos são bem conhecidos e documentados, mas como se vive nas entrelinhas da História?

Recorrendo a cartas, diários e livros de memórias de 39 pessoas — como uma refugiada de 12 anos em Xangai, um piloto norte-americano em Guadalcanal ou uma jovem da Resistência em Munique —, Peter Englund traça um retrato do quotidiano em tempo de guerra. Ao longo de trinta dias, acompanhamos a inquietação, a preocupação, a perda de convicções de quem procura a normalidade em circunstâncias excepcionais.

Com empatia e precisão, Englund recentra um dos momentos mais violentos do século XX na experiência individual, criando uma narrativa única e emocionante, que nos faz questionar os limites da condição humana.

«Um feito extraordinário.»

Antony Beevor, autor de *Estalinegrado*
e *A Segunda Guerra Mundial*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f editoraobjectiva

@ penguinlivros

ISBN 9789897847844



9 789897 847844 >